

RIZOMATIZANDO O “EU” NA ESCOLA: A LITERATURA INFANTO JUVENIL COMO POTÊNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO CRÍTICO DA CRIANÇA

Patrícia da Silva Maciel¹

Resumo: Este artigo busca refletir sobre a trajetória acadêmica do autor desse trabalho a luz dos autores mencionados posteriormente. Tentará problematizar o papel do indivíduo na escola como sujeito rizomático, discutindo como a literatura infanto juvenil poderá ajudá-lo a se tornar um “eu” crítico, e capaz de analisar a sua cultura e identidade, além de perceber como a escola com o trabalho edificador da leitura é capaz de contribuir para a formação de um sujeito preparado para enfrentar as diversidades, respeitando as diferenças e se posicionando como um sujeito emponderado politicamente, ademais do seu papel no contexto social, cultural e econômico em que está inserido. Discutirá um pouco sobre como a elite se manifesta como indústria cultural no processo escolar. Para esse trabalho ser fundamentado, fará um diálogo com os autores Terry Eagleton, Giorgio Agamben no texto *Infância e História*, Gilles Deleuze e Félix Guatarri em *Introdução: Rizoma* e Jessé Souza em *A tolice da inteligência brasileira*.

Palavras-chave: rizoma; literatura infanto juvenil; escola; leitura; cultura

INTRODUÇÃO

Para iniciar este artigo é de fundamental importância trazer algumas reflexões sobre minha vida acadêmica e como cheguei ao objeto que aqui será tratado. Trarei alguns conceitos sobre cultura, que podem ser considerados primários, mas ajudará entender o processo de mudanças sobre a compreensão de cultura, além de entender como a mesma está inserida nas obras de literatura infanto juvenil, e como livro de literatura infanto juvenil pode ser uma potência para o desenvolvimento crítico de crianças, tornando-o um processo rizomatizante do o “eu” na escola, além de entender como a cultura está presente na literatura e a interferência da indústria cultural nesse processo.

Inicialmente se entendia a cultura de três maneiras. A cultura popular, a cultura erudita e a cultura de massa. A cultura popular que é considerada como a cultura mais simples, aquela que se adquire com a experiência do contato entre pessoas, que é transmitida em geral de forma oral, pois está próxima ao senso comum, além de registrar as tradições e os costumes. A cultura erudita, adquirida de forma mais organizada nas escolas, nos livros ou instituições como igreja e o Estado, e a última a cultura de massa, essa não está ligada a nenhum grupo específico, pois é transmitida de maneira industrializada para um público generalizado e de diferentes camadas socioeconômicas, pelos meios de comunicação de massa, surgindo a indústria cultural.

Mas o que é cultura? Como a cultura está presente nos livros de literatura infanto juvenil? Terry Eagleton (2003, p.18) diz que a cultura é uma espécie de pedagogia ética, tornando-nos aptos para a

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus II. Linha e Pesquisa: Letramento, Identidades e Formação de Professores.

cidadania política para uma liberdade do eu ideal ou coletivo que está marcado em cada indivíduo, encontrando sua representação no domínio universal do estado. Outro questionamento levantado é como a indústria cultural manipula a escolha e publicação do livro de literatura infanto juvenil? E qual o papel da escola enquanto campo de concentração para ramificar as experiências e permitir as crianças sair da singularidade, tornando-se múltiplos? São essas perguntas que este trabalho tentará problematizar.

Portanto, esse escrito dialogará com autores que discutem sobre cultura como Terry Eagleton e Theodor Adorno sobre a indústria cultural, Giorgio Agamben, Deleuze e Gattari e Jesse.

UM POUCO DA MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Das lembranças do passado, trago na memória experiências vividas, e projeto as experiências que ainda virão, pois há muito para viver e aprender. Desta forma, trago aqui nesse breve relato tudo que já experimentei e o que pretendo experimentar. Talvez não consiga realizar todos os meus objetivos, pois o futuro é incerto, mas estou sempre à procura do que desejo, e busco-o com muita vontade de alcançar.

Este memorial traz a descrição dessa pessoa que tem algo a contar sobre a trajetória acadêmica. Aprendi que cada momento da vida é precioso, pois surgem revelações que nos levam a refletir sobre nossos atos, e que é percebido um aprendizado significativo em cada experiência vivida, nos permitindo avaliá-lo e transformá-lo.

Porque a experiência tem o seu necessário correlato não no conhecimento, mas na autoridade, ou seja, na palavra e no conto, e hoje ninguém mais parece dispor de autoridade suficiente para garantir uma experiência, e se dela dispõe, nem ao menos o aflora a idéia de fundamentar em uma experiência a própria autoridade. Ao contrário, o que caracteriza o tempo presente é que toda autoridade tem o seu fundamento no “inexperenciável”, e ninguém admitiria aceitar como válida uma autoridade cujo único título de legitimação fosse uma experiência (AGAMBEN, 2005, p. 23).

Lembro-me do primeiro dia que entrei para o curso do magistério, cheia de expectativas quanto à futura profissão. Nessa época já me sentia atraída pela educação, pois ficava nas janelas das salas do ensino primário observando as professoras dando aula, e me imaginando naquela posição. Ainda nessa época comecei a dar banca em casa, nesse momento comecei a perceber as dificuldades que os alunos enfrentavam em relação à aprendizagem. Foram experiências marcantes, pois começou conflagrar em mim o brilho sobre a escola, mesmo com um olhar, ainda, primário, mas de grandeza infinita, pois começavam os primeiros passos para uma experiência no caminho da educação sem saber onde iria chegar.

A verdadeira ordem da experiência começa por acender o lume; com este, em seguida, aclara o caminho, iniciando pela experiência bem disposta e ponderada e não por aquela

descontínua e às avessas; primeiro deduz os axiomas e depois procede a novos experimentos (AGAMBEN, 2005, p. 25).

Porém, o tempo passou e tudo foi se modificando. As dificuldades foram surgindo, mas nunca desisti de ser professora. Fiz o vestibular um ano depois que me formei no magistério. Mesmo com muitos problemas pessoais vividos não deixei de focar minha vida nos estudos, minha mãe sempre o priorizou.

Em 1992, passei no vestibular para o curso de Letras Vernáculas com Habilitação em Língua Inglesa e Literaturas na Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Apesar das dificuldades já observadas em relação à educação sabia que era o que realmente queria. Durante o curso de Letras tive a oportunidade de conhecer e ampliar meus conhecimentos através de muitas leituras realizadas nas áreas de língua portuguesa, língua inglesa e literaturas com alguns teóricos como Bohn, Saussure, Massaud Moisés, Paulo Freire, Piaget e Freud entre outros. Nessa época comecei a ter contato com mundo acadêmico, algo novo e assustador, pois não sabia se iria conseguir. Tive algumas dificuldades em entender algumas leituras, mas hoje percebo que isso pode acontecer em qualquer etapa da nossa vida.

Entrar no campo da ciência e sair um pouco do senso comum não é fácil, pois a nossa vida é toda montada a partir de experiências vividas, não conseguia fazer essa ligação. Pensava, muitas vezes, que o que eu trazia para a faculdade de conhecimento não serviria para nada, até mesmo porque nessa época a educação era, ainda, muito engessada, não que hoje seja diferente, porém mudanças ocorreram. Eu não entendia a necessidade de associar os conhecimentos adquiridos com as experiências da vida (senso comum) com os conhecimentos que a universidade estava me propondo (ciência).

A idéia de uma experiência separada do conhecimento tornou-se para nós tão estranha a ponto de esquecermos que, até o nascimento da ciência moderna, a experiência e ciência possuíam cada uma o seu lugar próprio. E não só: distintos eram também os sujeitos de que lançavam mão. Sujeito da experiência era o *senso comum*, presente em cada indivíduo [...], enquanto que o sujeito da ciência, é o *nous* ou intelecto agente, que é separado da experiência [...] (AGAMBEN, 2005, p. 26).

Depois que terminei a graduação, comecei a trajetória das especializações, cada uma com sua especificidade, mas agregando muito conhecimento para minha vida profissional. Essas especializações foram como uma raiz que vai se ramificando, crescendo e se formando sem saber aonde chegará, angariando alimento e articulando com o fazer educação, pois era o lugar que já me encontrava, como foi dito anteriormente, muitas vezes fragmentada no 'eu' em outros momentos agenciados no múltiplo. Momentos que não me sentia fazer parte do contexto, em outros com força de mudança, pois sempre “[...] há linhas de articulação ou segmentar idade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga,

movimentos de desterritorialização e desestratificação. [...] acarretam fenômenos de retardamento relativo, de viscosidade ou, ao contrário, de precipitação e de ruptura” (DELEUZE; GATTARI, 1995, p. 2).

Nesses momentos de estudos, conciliando com o fazer ser professora, pois já estava dando aulas, fui percebendo a importância de um professor na formação do indivíduo, e como o professor é capaz de ser um elo potente entre o construir e reconstruir sujeitos ativos, capazes de pensar, analisar e agir, e ser considerado como agenciamento que faz conexão com outros agenciamentos (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 2).

Logo, a área de educação não é fácil, e nem é para qualquer um. A educação é um campo que exige compromisso, respeito e ética com o processo educacional e com o educando. Paulo Freire aponta alguns pontos relevantes sobre o processo de ensinar, mas citarei três que considero fundamental para a formação do educador, “Ensinar exige pesquisa”, “Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando”, e Ensinar exige comprometimento, e trago a quarta, Ensinar exige conhecimento político.

E nesses anos de estudos fui percebendo que a escola é um espaço propício para formar sujeitos críticos, e o professor que, também, é um sujeito que tem a força da palavra é incumbido de organizar uma guerra através do discurso, e a escola é um espaço magnífico para direcionar os sujeitos à determinação do agir.

Um agenciamento maquínico é direcionado para os estratos que fazem dele, sem dúvida, uma espécie de organismo, ou bem uma totalidade significante, ou bem uma determinação atribuível a um sujeito, mas ele não é menos direcionado para *um corpo sem órgãos*, que não pára de desfazer o organismo, de fazer passar e circular partículas a-significantes, intensidades puras, e não pára de atribuir-se os sujeitos aos quais não deixa senão um nome como rastro de uma intensidade (DELEUZE; GATTARI, 1995, p. 2).

O professor precisa estar atento a realidade educacional que está uma desordem, principalmente para a classe baixa da população, sujeitos que não conseguem ter uma educação de qualidade, não conseguem ter acesso a museus, filmes, cursos de línguas, devido a uma desigualdade colossal, não podendo concorrer de forma igualitária com sujeitos oriundos de classes privilegiadas, que tem acesso a todo meio de conhecimento.

Por isso, acredito que a leitura possa ser um caminho para despertar nesses sujeitos subalternizados o poder de voz na sociedade, que possam projetar o *fora*, “[...] a passagem, a exterioridade que lhe dá acesso – em uma palavra: o seu rosto, o seu eidos”, o limiar que é, “a experiência do limite mesmo, o ser-dentro de um *fora*” (AGAMBEN, 2013, p. 64).

Somos seres múltiplos, e ao mesmo tempo cheios de singularidades, pois temos nossas marcas, mas, também, nos relacionamos com outros sujeitos em outros grupos e outros cenários. E foi assim que comecei a entender e a me inserir no processo de pesquisa, um momento de muita troca e muito mais

como aquisição de conhecimento. Esse momento aconteceu quando estava como professora substitua na Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus II, e tive a oportunidade de participar de um projeto de extensão com uma professora do campus, cujo tema foi Conte comigo um conto! Contação de histórias em Língua Estrangeira. Participamos da II semana de Educação de Jovens e Adultos na Universidade Estadual de Feira de Santana, na qual apresentamos uma oficina pedagógica. Foi muito gratificante, pois despertar nos professores e futuros professores a importância da contação de histórias como renovadora da prática pedagógica foi de suma importância para a reflexão e o despertar do senso crítico e aguçar a curiosidade, pois “contar histórias pressupõe deixar de lado algumas técnicas pedagógicas aprendidas e ir à busca de algo que foi esquecido, e que permanece em algum lugar do nosso ser, como um conteúdo arquetípico, recebido de herança dos nossos antecessores” (BUSATTO, 2003, p. 11).

Foi uma experiência gratificante. Comecei, então a gostar do tema, mas até então direcionado a língua inglesa. Algum tempo depois, a paixão em trabalhar com essa temática aflorou, ainda, mais quando fiz o GESTAR, um programa de capacitação para professores de Língua Portuguesa da rede estadual. Esse programa teve o objetivo de analisar como os gêneros textuais poderiam ser trabalhados em sala de aula, principalmente os textos literários, como contos e outras obras que não fazem parte dos cânones da língua portuguesa, mas que os alunos gostam muito de ler, pois os livros literários são um caminho para o mundo exterior de cada indivíduo, mas se faz necessário que esse livro esteja contextualizado ao mundo da criança ou do jovem, para que possam evoluir e imaginar.

O livro não é a imagem do mundo segundo uma crença enraizada. Ele faz rizoma com o mundo, há evolução a-paralela do livro e do mundo, o livro assegura a desterritorialização do mundo, mas o mundo opera uma reterritorialização do livro, que se desterritorializa por sua vez em si mesmo no mundo (se ele é disto capaz e se ele pode) (DELEUZE; GATTARI, 1995, p. 7).

O GESTAR proporcionou-me ter uma visão mais holística do processo de leitura e escrita, percebendo como é importante uma boa seleção de textos e livros de literatura e como os mesmos podem ser trabalhados em prol de um crescimento dos alunos no que diz respeito à leitura e a escrita, mas não como um processo apenas de codificação de signos lingüísticos, e sim, para a compreensão do mundo e da realidade que estão inseridos.

Porém, não parei por aí, sempre quis continuar a caminhada na área de educação, sempre almejei fazer o mestrado. Primeiro fiz uma disciplina como aluna especial, em 2010, Políticas de Letramento, significou muito para o que eu pensava em desenvolver como projeto, pois estudar os processos e tipos de letramentos me ajudou muito a entender que existem outras formas de conhecimentos, e não apenas aqueles adquiridos no ambiente escolar, mas a crítica cultural surgiu mesmo, quando cursei a disciplina, ainda como aluna especial, Cultura e Literatura Afro-brasileira foi a partir desse momento que me interessei

em pesquisar a contação de histórias e/ou literatura infanto juvenil direcionadas às crianças negras, pois foi durante os estudos nessa área, que começou em mim, aguçar a importância de voltar as nossas origens, entender como se constrói a nossa identidade e como o racismo e preconceitos estão impregnados nesse processo, então, porque não trabalhar isso desde a infância, momento de formação e entendimento do corpo, dos traços e dos grupos sociais.

Assim, sempre acreditei que despertar desde a infância uma educação para emancipação seria o viés para um mundo melhor, pois se isso for dado desde essa fase poderemos ter sujeitos mais questionadores da sua própria vida e do mundo, mantendo a memória longa que é a família, raça, sociedade ou civilização, decalcando e traduzindo, mas o que ela traduz continua agindo nela, ou na distância, no contratempo, de forma intempestivamente, não instantaneamente (DELEUZE; GATTARI, 1995, p. 11).

Assim, deixo aqui uma reflexão sobre minha vida acadêmica que irão com toda certeza crescer ainda mais, pois o educador está o tempo todo procurando renovar, investigar e conhecer cada vez mais as teorias e técnicas para aprimorar a prática pedagógica e, assim, contribuir com a re-construção de outras práticas.

A LITERATURA INFANTO JUVENIL NA FORMAÇÃO DO “EU” RIZOMÁTICO NA ESCOLA.

A literatura permite o encontro com o eu e com o outro, pois é através dela que o sujeito se identifica e se projeta nos personagens, relacionando sua vida aos enredos, aos cenários e aos aspectos culturais que estão embebidos nessa literatura. Por isso, é de suma importância trabalhar a literatura com crianças e jovens, pois permite que os mesmos se construam num processo individual e, também, no coletivo, assim o livro de literatura infanto juvenil precisa conter uma cultura de tratamento igualitário, respeitando a singularidade e suas dimensões familiares, culturais e sociais, como um rizoma que “não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. Ele não é o Uno que se torna dois, nem mesmo que se tornariam diretamente três, quatro ou cinco etc. [...]. Ele não é feito de unidades, mas de dimensões [...] (DELEUZE; GATTARI, 1995, p. 15).

Os livros literários infanto juvenil devem trazer uma cultura que permita a criança construir através do seu imaginário, explorando a sua capacidade de fazer interrelações.

Todas as culturas devem incluir práticas como prestação de cuidados à infância, a educação, a assistência social, a comunicação e o apoio mútuo, pois de outra forma não poderiam reproduzir-se e seriam incapazes, entre outras coisas, de desenvolver atividades de exploração (EAGLETON, 2003, p. 38).

O livro de literatura permite a criança e ao jovem pensar na realidade e todo o contexto social, tendo-a como estímulo para pensar na sua condição de ser humano pertencente a um espaço cheio de

contradições sociais e de uma diversidade exacerbada, mas esse livro literário deve ser visto pelo aluno como algo que o liberte, percebendo a literatura como um produto cultural com o qual possa interagir de forma significativa, pois tem um papel relevante no desenvolvimento intelectual de crianças e jovens, para que os mesmos não se mantenham com visão quadrada sobre o que é e como está o país em que vivem, para que não fiquem com uma visão de “culturalismo conservador”, que vive dos ‘mitos nacionais’ e de sua necessidade pragmática de legitimação interna e externa” (SOUZA, 2015, p. 144).

O livro literário é um bem cultural, pois é resultado de criação artística, tornando-se instrumento de formação intelectual e afetiva, principalmente para crianças em plena fase de aprendizagem, além de contribuir no processo de formação cultural, propiciando o espírito de liberdade, determinismo, resistência, mudança e construção de identidades.

Desta forma, não se pode aceitar que a literatura seja vista apenas como um produto industrializado, sem importância na formação do sujeito. O livro de literatura, como acontece, é produzido em grande escala para um coletivo formado de diferentes pessoas, como negros, brancos, pardos, asiáticos, ricos e pobres. Como se todos vivessem ou pertencessem ao mesmo contexto social e econômico, tornando o livro de literatura estetizado, fazendo parte de uma vida individual e consumista. É inescusável sair do individualismo, não ficar apenas no campo da crítica, mas enfrentar as representações, saber quem fala quem define e de qual lugar.

No mundo pós-moderno cultura e vida social estão, uma vez mais, intimamente ligadas, agora, porém, através da estetização dos bens de consumo, da política, como espetáculo, do estilo de vida consumista, da centralidade da imagem e da integração definitiva da cultura na produção geral de bens (EAGLETON, 2003, p. 45).

Através da literatura a criança poderá fazer conexões significativas, aprimorando a leitura, entendendo o seu passado e refletindo sobre o presente, analisando o funcionamento do livro, da obra ou do texto, pois “[...] não se buscará nada compreender num livro, perguntar-se-á com o que ele funciona em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua, com que corpos sem órgãos ele faz convergir o seu” (DELEUZE; GATTARI, 1995, p. 2).

Ao invés de elitizar a escola, tentando também padronizar os sujeitos com o uso de um material, o livro, totalmente materializado e convertido em mercadoria para atender a indústria cultural, deveria a escola aproveitar a cultura trazida pelos alunos, permitindo-os ter voz para clamar e dissociar conhecimentos que fazem parte da sua identidade.

É o velho sujeito da experiência que volta aqui a apresentar-se autonomamente como eu empírico, que é em si disperso e sem relação com a identidade do sujeito e, como tal, é incapaz de fundar um verdadeiro conhecimento. Ao seu lado, como condição de todo conhecimento, está o *eu penso* [...]”

Pois o livro como produto de trabalho é caracterizado para satisfazer necessidades humanas culturais e espirituais, conferindo-o ao seu valor de uso, assim, se igualando a todas as outras mercadorias existentes, ficando a sua qualidade sujeita aos princípios do mercado.

Quando se trata do trabalho com o livro de literatura que é resultado de uma sociedade urguesa e mercadológica, torna-se vital uma análise criteriosa pelo professor dos meios de comunicação como filmes, livros, gibis, revistas e outros meios, para serem trabalhados como apoio pedagógico, e que sejam vistos como um “um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga”, e também como um platô, multiplicando a conectividade com outras hastes escondidas superficialmente de maneira a formar e distender um rizoma (DELEUZE; GATTARI, 1995, p. 15).

A cultura de massa pode sugerir a ideia de que se trata de uma maneira cultural surgida espontaneamente a partir do advento da sociedade de massas, como uma forma contemporânea da arte popular, implicando no desenvolvimento de atitudes, comportamentos e hábitos mentais padronizados que afetam a todos.

É tão visível a percepção de que o capitalismo tem uma grande capacidade de persuasão, e que na indústria cultural o importante não é o que está dentro dos produtos, mas como ele é vendido para o consumidor, na qual as pessoas não devem pensar, não devem refletir, é uma promessa de prazer e diversão, funcionando como um extenso esquema que prescinde o esforço de reflexão, pois todos somos consumidores e todos somos produtos.

A indústria cultural não permite que o indivíduo fuja da normalidade do óbvio, tornando os sujeitos sem rostos, sem personalidade e sem individualidade. Esses sujeitos passam a usar as mesmas coisas, assistir aos mesmos filmes, ler os mesmos livros, e se destoar desse fluxo passa a ser discriminado, pois a indústria cultural se aproxima da publicidade, ou seja, vende um ideal, vende um produto, tornando reacionária e um mecanismo de dominação cultural.

Tratando-se do livro de literatura infanto juvenil, é preciso que se entenda nas instituições escolares, que no momento de escolha do livro, os indivíduos que a compõe, compreendam que os sujeitos humanos são determinados, mesmo se tratando de crianças e jovens, que não há nada mais político do que a liberdade com disciplina da nossa vontade, e que a cultura precisa ser entendida como ela é, pois a cultura é o que podemos mudar, é uma constante construção.

A prova da enorme influência dessa ideia, tanto na vida intelectual quanto na concreta e prática da sociedade brasileira, pode ser vista e comprovada na obra dos mais respeitados pensadores brasileiros a partir de então. Como as idéias influentes de uma sociedade não ficam nos livros, mas ganham as salas de aula de escolas e universidades, inspiram

programas de governo, dão mote para artigos de jornais, estimulam o que é lto nas TVs e o que é discutido em todas as conversas entre amigos nos botiquins país a fora, estamos lidando com a forma com que toda uma sociedade se percebe e age (SOUZA, 2015, p. 51).

A instituição escola, por ser considerado um ambiente de construção e educação formal, necessita, apesar de fazer parte de uma cultura de massa, encontrar caminhos para tentar provocar nos sujeitos um senso crítico em relação às questões políticas sociais, econômicas e culturais que estão invadindo com toda a força a vida dos seres humanos.

A escola não deveria estar internada nesse mundo da indústria cultural, mas como não se pode fugir dessa realidade, deve pelo menos provocar nos sujeitos a capacidade de refletir e compreender sobre a cultura e o que a indústria cultural nos propõe e o que faz com a cultura, pois para a indústria cultural não é necessário o consumidor usar a imaginação, pois já está tudo delineado nos produtos. Isso por que, “indivíduos e classes sociais inteiras têm que, efetivamente, ser feitos de “tolos” para que a reprodução de privilégios tão flagrantemente injustos seja eternizada”(SOUZA, 2015, p. 11).

A escola juntamente com os professores devem através da leitura tornar acessível aos alunos o conhecimento como forma de combate, para que os mesmos possam torna-se inteligentes para refletir e ser independentes, pois é importante usar

O conhecimento como “arma de combate”, para rearmar o cidadão que foi destruído das precondições para entender seu cotidiano e as lutas sociais, nas quais se encontra inserido sem o saber, para torná-lo sujeito de seu destino. O pressuposto é que as pessoas que foram feitas de “tolas” podem ser tão inteligentes na política quanto o são nas outras esferas da vida cotidiana e estão aptas a recuperar o que lhes foi tomado: a capacidade de refletir e julgar com autonomia e independência (SOUZA, 2015, p. 13).

Desprezar o fato de que inúmeros bens culturais, assim como os livros de literatura, contêm elementos que apostam a propagação de determinados ensinamentos morais, é menoscabar que os agentes da indústria cultural consideram-se executor, em certa medida, pela educação das massas e das novas gerações.

Assim,

A cultura enquanto forma de vida, é uma versão estetizada da sociedade, nela encontrando a unidade o imediatismo sensível e a liberdade do conflito que associamos a um produto estético. A palavra “cultura” que supostamente designa um tipo de sociedade é na realidade uma forma normativa de imaginar essa sociedade (EAGLETON, 2003, p. 40).

Portanto, a indústria cultural empresta a seus produtos um caráter de composição semelhante ao da indústria geral, alienando os indivíduos de sua totalidade significativa. Os bens culturais convertem-se em mercadorias acondicionadas com aspectos externos produzidos para fechos puramente publicitários. Assim, a construção de leitor sob a indústria cultural leva a reflexão do caráter de mercado que a educação do sujeito alcançou pela uniformização e universalização do modo de produção, e o livro de literatura infanto

juvenil, ao ser colocado no mercado escolar para consumo, classificando-o num catálogo para divulgação, a indústria cultural os transforma em produtos adequados às necessidades detectadas ou criadas para as escolas. O livro na realidade continua ser o mesmo, mas sua promulgação corresponde às necessidades previamente delineadas pelo mercado.

Por isso, a literatura se for bem escolhida pelos professores e coordenadores pedagógicos, poderia de alguma maneira agregar saberes relevantes para as crianças e jovens, mostrando-os que a cultura não está apenas para os considerados elitizados, mas pode estar também para os que detêm conhecimentos não valorizados pela sociedade capitalista.

Todavia, a escola funciona como norteadora para a sociedade, mas a educação escolar não é construída, apenas pelos sujeitos que nela participa, a educação é concebido pelas necessidades do mercado.

Se as escolas fossem organizadas pelas necessidades desses sujeitos, poderia ser mais soberana para produzir o material pedagógico, como o livro de literatura, garantindo as necessidades de formação dos estudantes. Infelizmente a escola está submersa nas relações reificadas em que tudo se torna parte das relações de mercadoria, e acúmulo de poder. A escola passou a ser uma exigência de formação necessária para o mercado global, que necessita de mão de obra qualificada diante de um processo de semiformação, não conseguindo formar indivíduos capazes de refletir, e sentir-se seguros na atividade que sua formação propõe. A escola, assim, perdeu o poder do processo de esclarecimento e da formação cultural, mas isso pode ser resgatado por meio da linguagem e das experiências dos professores e das crianças, pois “a partir do momento em que existe uma experiência, que existe uma infância do homem, cuja expropriação é o sujeito da linguagem, a linguagem coloca-se então como o lugar em que a experiência deve tornar-se verdade” (AGAMBEN, 2005, p. 56).

Por isso, a leitura possibilita formar sujeitos emancipados, não apenas para adaptação de pessoas ajustadas aos status quo para as relações de trabalho que dificultam o processo formativo.

O trabalho com literatura na escola precisa de uma atenção especial para superar a semiformação que se apossa como formação alimentando a infâmia da educação. Contudo, o trabalho com o livro literário pode permitir a negatização da semiformação, alimentando a alma das crianças e jovens que estão cercados por relações reificadas, que acabam gerando sofrimentos por causa de atitudes desumanas.

Por essa razão, o trabalho com livro de literatura infantil juvenil necessita ir além das obrigações da praticidade do mundo contemporâneo, para que possa preparar sujeitos que se preocupem e se respeitem, para a compreensão das diferenças e fragilidades que assolam cada um no cotidiano da vida e para que

sempre estejam à procura de algo, saindo do conformismo procurando novos sentidos e ramificações para ser rizomático pois,

[...] rizoma não começa nem conclui, ele se encontra no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. [...] o rizoma é aliança, unicamente aliança, [...] o rizoma tem como tecido a conjunção 'e...e...e...' Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Para onde vai você? De onde você vem? Aonde quer chegar? São questões inúteis. Fazer rasa, partir ou repartir de zero, buscar um começo, ou um fundamento, implicam uma falsa concepção da viagem e do movimento (metódico, pedagógico, iniciático, simbólico...) (DELEUZE; GATTARI, 1995, p. 17).

Entende-se que a instituição escolar é um espaço de possibilidades de libertar a humanidade da barbárie, e da escravização lançada pela indústria cultural na sociedade e semiformação enraizados no processo de escolarização, mas por outro lado, a escola reproduz condições para a desigualdade, individualismo e conformismo que, também levam a barbárie. Por isso, os professores necessitam através de seus conhecimentos formarem cidadãos capazes de pensar sobre si e sobre o mundo, e isso é possível trabalhando com livros de literatura que tragam temas diversos e pautados no contexto social e étnico que as crianças e jovens fazem parte.

Portanto, o problema é que a formação cultural como lugar de destaque à escola tem a responsabilidade de formar uma sociedade mais justa e igualitária, mas não é assim que funciona, pois quanto mais a sociedade da indústria cultural avança, mais distanciamento se toma do papel formador, caminhando para a individualidade.

CONCLUSÃO

Diante das reflexões realizadas, percebe-se que não há mais espaço para uma educação engessada, formal e descontextualizada. É preciso adequar o currículo as necessidades sociais da criança e do jovem para que os mesmos possam se firmar e se sentir seguros enquanto cidadão de direitos, e a literatura é um caminho para a formação cultural, pois “cultura, na acepção de conjunto das artes, pode ser mensageira de uma nova existência social, sendo esta, porém, uma tese curiosamente circular uma vez que, sem tal mudança social, as próprias artes estão em perigo” (EAGLETON, 2003, p. 39).

A leitura por meio do livro de literatura possibilita a criança e ao jovem ter acesso aos conteúdos que são necessários para o bom desenvolvimento escolar de uma criança, ajudando-a a sobressair das barbáries sociais e libertá-la para poder agir mediante seu próprio entendimento pelo uso da razão.

Portanto, a literatura infantil pode possibilitar cessar o preconceito no ambiente escolar, pois é o primeiro espaço social fora da família em que a criança se depara com as diferenças, não deixando que esse espaço se torne um lugar de sofrimento, tornando-a desestimulada. É muito importante incutir na criança a

capacidade de entender a magnitude do respeito às diferenças de raça, etnias, crenças, e condições sócio econômicas, para tentar acabar com o ódio existente nas pessoas. Por isso, é relevante que os professores assumam um papel reflexivo junto às crianças, problematizando situações de poder para tentar resgatar elementos emancipatórios da razão na condição de esclarecimento e libertação, orientando a criança e o jovem para a força de um pensamento crítico da instrumentalização da cultura na sociedade capitalistas, e como futuro consumidor saiba analisar o cenário político e social em que está inserido. Assim, o professor com um trabalho literário poderá rizomatizar o “eu”, criando uma potência crítica nas crianças para que se tornem adultos mais autônomos nos seus pensamentos.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005 101 p.

AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Trad. e notas Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica Ed., 2013. 103 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. 94 p.

EAGLETON, Terry. *A Ideia de Cultura*. Trad. Sofia Rodrigues. 1. ed. Oxford, 2003.

SOUZA, Jessé. *A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite*. São Paulo: LeYa, 2015. 272 p.